

## RECENTE EVOLUÇÃO DO SECTOR AGRÍCOLA

A presente análise acerca dos mais recentes dados conhecidos relativamente à agricultura portuguesa e o seu contexto europeu pretende complementar o trabalho realizado acerca do sector e divulgado nas publicações de Mercados Financeiros de Dezembro de 2012 e Janeiro de 2013.

Em termos gerais e segundo as informações do Instituto Nacional de Estatística (INE), 2013 pode ser considerado um bom ano agrícola, mesmo com condições climatéricas adversas. A produção do ramo agrícola observou um crescimento nominal e em termos de preço base acima dos 3%. Neste contexto, o VAB registou uma variação positiva, não apenas em termos nominais (+9.6%), como também reais (+4.8%). Em resultado, o rendimento da actividade agrícola em Portugal, por unidade de trabalho, deverá ter aumentado 4.5%, em termos reais face a 2012.

Mas mesmo em relação ao volume, houve culturas individuais, de grande significado económico (sobretudo, culturas com componente industrial - vinho, azeite, tomate - mas também frutos e cereais), que verificaram variações em volume entre os 30% e os 80%. Estes produtos chegam a ter quotas importantes na comparação dentro de UE-28.

### EVOLUÇÃO DAS CULTURAS MAIS SIGNIFICATIVAS E COMPARAÇÃO DENTRO DA UE-28

	Produção 1 000 ton.						Índices		Variações %	
	2008	2009	2010	2011	2012	2013*	2013* (média 2008/12=100)	2013* (2012=100)	2013/2008	2013/2012
<b>Culturas industriais</b>										
Azeitona para azeite	336	415	435	511	418	627	137	150	86.6	50.0
Azeite (1 000 hl)	587	682	687	832	645	968	132	150	64.9	50.1
Girassol	16	11	8	13	10	11	92	110	-31.3	10.0
Tomate p/ a indústria	1,148	1,346	1,406	1,151	1,299	1,039	82	80	-9.5	-20.0
<b>Cereais</b>										
Milho de regadio	676	608	602	785	830	913	130	110	35.1	10.0
Milho de sequeiro	24	25	24	25	18	19	82	105	-20.8	5.6
Arroz	151	162	170	184	187	168	99	90	11.3	-10.2
Trigo mole	196	104	67	47	55	82	87	150	-58.2	49.1
Trigo duro	7	20	16	4	4	3	33	80	-57.1	-25.0
Triticale	42	35	26	23	17	32	113	190	-23.8	88.2
Centeio	22	19	18	18	15	20	108	135	-9.1	33.3
Cevada	100	73	31	21	21	30	60	140	-70.0	42.9
Aveia	92	71	66	48	31	34	54	110	-63.0	9.7
<b>Frutos</b>										
Maçã	235	261	211	245	219	284	121	130	20.9	29.7
Pêra	172	200	176	230	116	203	113	175	18.0	75.0
Pêssego	38	40	33	34	30	23	64	75	-39.5	-23.3
Kiwi	15	27	24	23	20	18	84	90	20.0	-10.0
Laranja	177	183	194	228	209	-	-	-	18.1**	-8.3**
Limão	12	13	13	13	13	-	-	-	8.3**	0.0**
Tangerina	64	33	33	33	34	-	-	-	-46.9**	3.0**
Amêndoa	7	9	7	8	7	4	56	60	-42.9	-42.9
Castanha	24	24	22	18	19	23	106	120	-4.2	21.1
Vinho (1 000 hl)	5,428	5,657	6,924	5,421	6,115	6,115	103	100	12.7	0.0
<b>Culturas sachadas</b>										
Batata de sequeiro	64	54	34	33	28	26	62	95	-59.4	-7.1

Fonte: INE.

Notas: \* Dados provisórios; \*\*Variações face a 2012.

**OPINIÃO**

De acordo com as previsões agrícolas mais recentes divulgadas pelo INE (a 31 de Janeiro), estas apontam para uma produção de 627 mil toneladas de **azeitona para azeite**, a maior desde a década de sessenta, em resultado de condições climáticas favoráveis ao longo do ciclo e da entrada em plena produção de novos olivais intensivos.

Com a colheita prestes a estar concluída, confirmam-se as previsões de um aumento significativo da produção de azeitona para azeite, comparativamente à campanha anterior (+50% face a 2012 e +87% em relação a 2008). O impacto da chuva em fases cruciais do ciclo cultural favoreceu o calibre da azeitona, com a maior parte da produção a chegar à fase da colheita em boas condições sanitárias.

Por outro lado, para este resultado histórico (627 mil toneladas) contribuiu a entrada em plena produção de áreas significativas de novos olivais intensivos. Daqui resultou igualmente uma produção recorde de **azeite** de 968 mil hectolitros em 2013 (+50% que o valor obtido em 2012 e +65% que a produção de 2008).

De acordo com o INE, o crescimento do sector oleícola resultou do investimento privado e da opção estratégica de apoio e promoção da fileira, demonstrada pelo facto de a produção ter praticamente quadruplicado desde 2000, atingindo valores semelhantes aos da década de sessenta, que garantem a auto-suficiência nacional do consumo de azeite.

Já em Outubro previa-se um aumento do rendimento unitário de 40% na azeitona para azeite e de 25% na azeitona de mesa em 2013 face a 2012, o que já confirmava a campanha de 2013 como uma das melhores das últimas décadas.

Em termos da União Europeia (UE-28), embora os valores sejam referentes a 2011, Portugal tem uma quota de cerca de 4% em termos de produção global, sendo o 4º país na lista dos maiores produtores. A Espanha lidera com um peso de perto de 60%, seguindo-se a Itália com 24% e a Grécia com 14%.

Tanto nas oleaginosas como nas culturas para a indústria, a produção de **girassol** tem actualmente um peso reduzido. Contudo, comparativamente à campanha anterior, prevê-se um aumento de 10% da produção. A produtividade de 2008 para 2013 decaiu 16%, mas houve uma recuperação de 5% de 2012 para 2013.

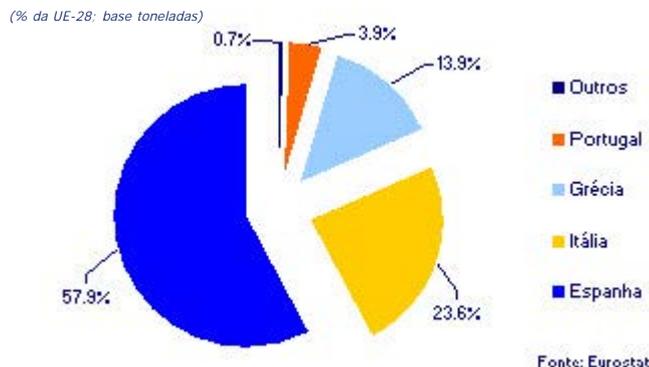
Relativamente ao **vinho**, os dados conhecidos indicam que a última campanha vitivinícola deverá ter níveis de produção semelhantes aos de 2012. A produtividade da uva para vinho deverá ter registado em 2013 aumentos de 10% face ao ano anterior; relativamente à uva de mesa mantêm-se as previsões de um aumento de 5%, mostrando as videiras/cachos muito boa aparência. Em termos de hectolitros, é esperada uma produção global de vinho de 6 115 mil. Desde 2008, houve um aumento de perto de 13%. Quanto à **uva para vinho** também se sabe que tem havido um aumento da produtividade nos últimos anos, com destaque para os dois últimos. De 2012 para 2013, a produtividade da uva para vinho aumentou 8.6%, face a 2008 o acréscimo já foi de perto de 27%.

Dentro da UE-28 e de acordo com as informações disponíveis (não há um valor total para a UE-28, mas sim um somatório dos dados conhecidos), a produção de vinho de Portugal em 2013 tem uma representação acima dos 4%, correspondendo à 5ª posição. Itália e França disputam a liderança com quotas à volta dos 30% e 29%, respectivamente, seguindo-se a Espanha com 22% e a Alemanha com 6%.

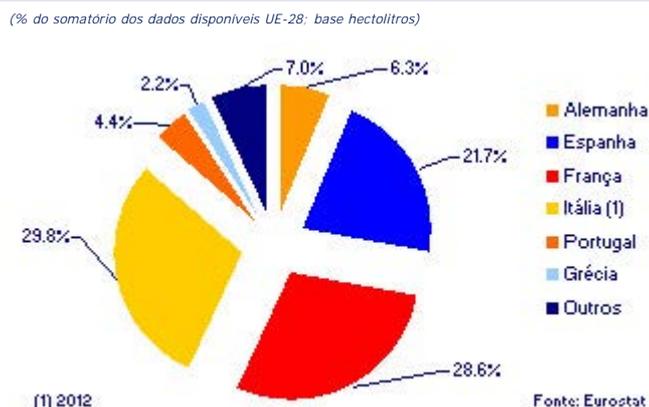
**Evolução da produção de vinho e de azeite**



**Produção de Azeitonas, 2011**



**Produção de Vinho, 2013**



## Continente

	Produtividade						Índices		Variações	
	kg/hect.						2013* (média 2008/12=100)	2013* (2012=100)	%	
	2008	2009	2010	2011	2012	2013*			2013/2008	2013/2012
<b>Culturas industriais</b>										
Azeitona de mesa	925	1,086	1,348	1,185	1,371	1,710	145	125	84.9	24.7
Azeitona para azeite	992	1,232	1,296	1,511	1,234	1,725	138	140	73.9	39.8
Girassol	665	537	544	561	534	560	99	105	-15.8	4.9
Tomate p/ a indústria	80,269	80,206	84,500	74,927	93,479	88,805	107	95	10.6	-5.0
<b>Cereais</b>										
Milho de sequeiro	2,354	2,425	2,307	2,402	1,939	2,035	89	105	-13.6	5.0
Arroz	5,722	5,682	5,845	5,856	5,999	5,700	98	95	-0.4	-5.0
Aveia	1,210	1,071	922	742	816	1,100	116	135	-9.1	34.8
<b>Frutos</b>										
Maçã	17,284	21,042	17,149	19,772	17,139	19,710	107	115	14.0	15.0
Pêra	15,378	18,173	16,143	21,020	10,350	19,150	118	185	24.5	85.0
Pêssego	9,622	10,977	8,899	9,310	7,977	6,380	68	80	-33.7	-20.0
Amêndoa	258	341	261	286	264	172	61	65	-33.3	-34.8
Uva de Mesa	7,330	9,642	7,924	6,448	7,231	7,595	98	105	3.6	5.0
Uva p/ vinho (hl/hect)	30	32	39	31	35	38	115	110	26.7	8.6
<b>Culturas sachadas</b>										
Batata de regadio	16,350	17,013	15,419	15,156	18,789	17,850	108	95	9.2	-5.0

Fonte: INE.

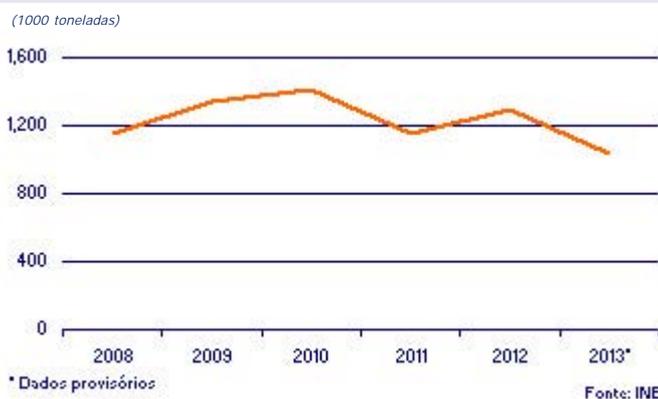
Notas: \* Dados provisórios; \*\* Dados previsionais.

Outra produção de grande importância económica, nomeadamente para a indústria transformadora, o **tomate** deixou de bater recordes, encontrando-se em tendência decrescente. No que respeita à última campanha, destaca-se o apodrecimento de grande quantidade que ainda se encontrava por colher. Assim, em termos globais, prevê-se uma redução da produção em 20% em relação a 2012 (1 039 mil toneladas), e com uma qualidade média inferior. Em termos de produtividade, espera-se uma diminuição de 5% face a 2012 (desde 2008 verificou-se um aumento de produtividade de 11%).

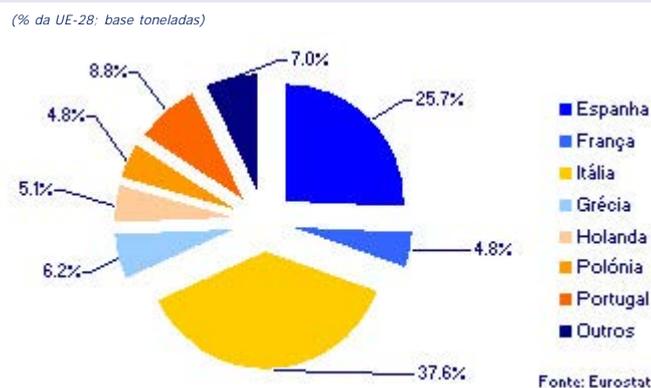
Na comparação com a UE-28 (2012), Portugal ocupa o 3º lugar, com um peso relativo de 9% da globalidade da produção. A Itália domina com uma quota de cerca de 38%, seguindo-se a Espanha com 26%. A produção grega tem um peso de 6% e Holanda, Polónia e França têm posições que rondam os 5%.

No que respeita aos **cereais**, as sementeiras de Outono/Inverno de 2013 decorreram com normalidade, registando-se apenas algumas dificuldades nas mais tardias, afectadas pela precipitação acima dos valores médios para a época. Esperam-se áreas semeadas semelhantes às da campanha anterior no triticale, centeio, cevada e um aumento do trigo mole. O trigo duro deverá ser o único cereal a registar uma redução de área (-5%) face a 2013.

## Evolução da produção de tomate p/ indústria



## Produção de Tomate, 2012



OPINIÃO

Continente

	Área						Índices	
	1000 hect.						2014*(média 2009/13*=100)	2014** (2013*=100)
	2009	2010	2011	2012	2013*	2014**		
<b>Cereais</b>								
Milho de regadio	100	84	80	89	93	102	114	110
Trigo mole	62	49	40	51	46	46	93	100
Trigo duro	11	9	3	4	1	1	22	95
Triticale	24	24	20	21	21	21	94	100
Centeio	21	20	20	20	22	22	109	100
Cevada	41	20	17	18	18	18	80	100

Fonte: INE.

Notas: \* Dados provisórios; \*\* Dados previsionais.

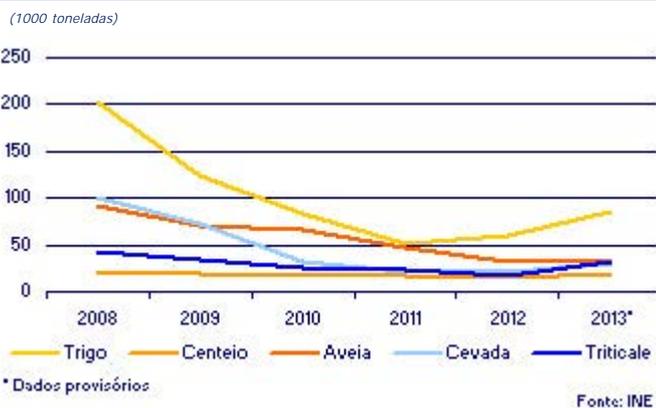
Perante os dados conhecidos, a campanha de 2013 deverá saldar-se por um aumento global da produção face à época anterior (muito condicionada por seca extrema). Para o trigo mole prevê-se um aumento da produção de 50% devido ao aguardado aumento da produtividade, após a má campanha de 2011/12. Em contrapartida, a produção de trigo duro deverá registar um decréscimo de 20%. Os aumentos de produção do triticale (+90%) e da cevada (+40%) resultam exclusivamente de acréscimos de produtividade, enquanto a produção de centeio deverá registar um aumento de produção de 35%, reflexo dos aumentos de área e de produtividade. Para a aveia espera-se um aumento da produtividade na ordem dos 35% face à campanha anterior, com as searas semeadas no Outono (cedo) a mostrarem-se resistentes perante o tempo chuvoso (+10% de produção em relação a 2012).

Nas comparações dentro da UE-28, a França domina em termos de produção global de cereais (inclui arroz) com uma quota de 24%, seguindo-se a Alemanha com 16%, a Polónia com 10% e a Espanha com 6%. Portugal tem uma posição pouco significativa de 0.4%. As produções da Alemanha e de Espanha mostram uma certa reanimação em 2013 (valores provisórios) perante quebras em anos anteriores. A evolução dos restantes países indica uma certa estagnação.

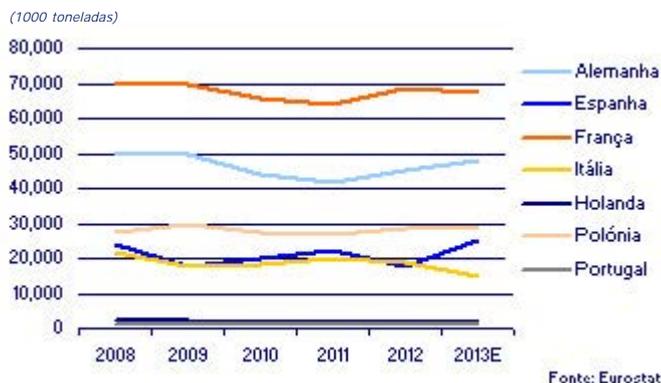
No trigo (cereal representativo), de 2012 para 2013, há uma tendência de aumento da produção. Em Espanha, deverá mesmo acontecer um aumento de 46%, Alemanha mais 12% e Polónia mais 10%. França e Holanda deverão ter aumentos de apenas 2%, enquanto que Itália deverá mostrar uma quebra de produção de 8%. Neste cereal, a França tem um peso de 29% dentro da UE-28 e a Alemanha 17%, a Polónia tem 7% de quota, seguindo-se a Itália e Espanha com cerca de 6%.

Em relação a outros bens alimentares base, o **milho** continua a destacar-se com uma produção anual crescente, devendo bater um novo recorde de décadas em 2013, 932 mil toneladas (valor total, engloba milho de regadio e milho de sequeiro). Só em 1998 se alcançou um valor superior, 981 mil toneladas, mas com uma área 2/3 superior à actualmente cultivada.

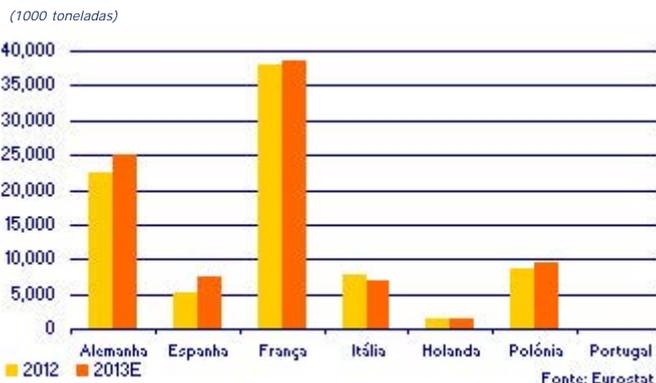
Evolução da produção de cereais



Evolução da produção global de cereais por país



Produção de Trigo



Embora a colheita de milho de regadio (98% do total) se tenha atrasado devido às condições climáticas adversas - chuva, vento forte e encharcamento dos terrenos - a produtividade deverá ter-se mantido em relação a 2012. Se for o caso, a produção prevista será assim superior em 10% (+35% em relação a 2008), em resultado exclusivamente do aumento da área semeada (ver tabela). No milho de sequeiro, a produção deverá registar um aumento de 5% face a 2012.

A consolidação da tendência de crescimento do sector do milho que, nos últimos 3 anos, se tem revelado progressivamente mais dinâmico e competitivo, resulta do aumento do investimento, concretamente com a instalação de novas áreas de cultivo de milho no perímetro de rega do Alqueva. De facto, apesar do ambiente económico desfavorável e da volatilidade dos preços, que caracteriza o mercado mundial de cereais, este sector tem progredido de forma muito favorável. Em termos de comercialização, a atenção do sector mantém-se centrada na volatilidade do preço do milho nos mercados internacionais que, no período de um ano baixou cerca de 45%.

Em termos de produção de milho na UE-28, a tendência para 2013 foi de quebra de produção nos principais produtores. A França continua a dominar com uma quota de cerca de 26%, mas com uma quebra de produção de 4%. Segue-se a Itália com 12% da produção total e uma diminuição de 18% em relação a 2012. Com a queda de produção na Alemanha (-21%) e a subida significativa em Espanha (+14%), este último país assumiu o 3º lugar na produção de milho com uma quota de 8% (Alemanha 7%). Portugal está muito próximo de representar 2% do total.

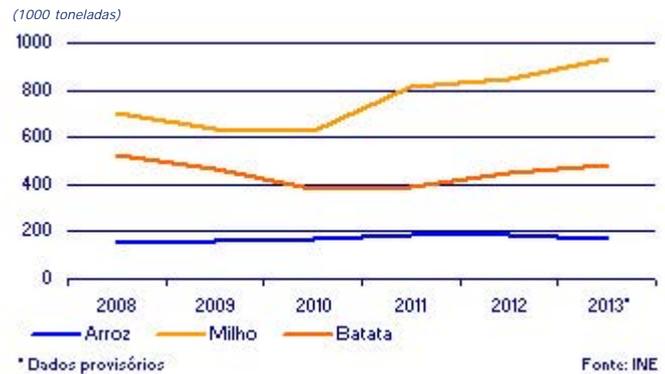
Na **batata**, depois de uma quebra expressiva de produção nacional em 2010 e 2011, tem vindo a acontecer uma recuperação, tendo chegado às 481 mil toneladas em 2013. Assim, se de 2012 para 2013 se registou um aumento produção de 8%, no período de 2008 a 2013 ocorreu uma quebra de 9%.

Na UE-28, e de acordo com os países de referência na presente análise, os maiores produtores de batata, a Alemanha e a Polónia construíram tendências de queda ao longo dos últimos anos (desde 2008 a Alemanha verificou uma quebra de produção de 15% e a Polónia de 37%). França e Holanda registaram uma relativa estabilidade.

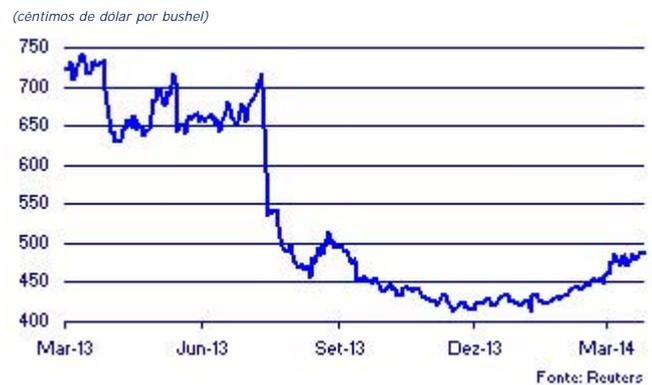
No **arroz**, perante as condições climáticas registadas no território nacional em 2013, e já descritas, prevê-se uma redução da produção na ordem dos 10% face à anterior campanha, devendo estar próximo das 168 mil toneladas, valor próximo da média do último quinquénio (+11% de produção em relação a 2008). Para este valor terá contribuído a diminuição da produtividade: -5% desde 2012; -0.4% perante 2008).

Relativamente aos principais frutos (não citrinos) - **maçã**, **pêra** e **pêssego** - com a conclusão da colheita das variedades mais tardias, confirmam-se os aumentos de produção de **maçã** na ordem dos 30%, face a 2012 (ano muito afectado pelas condições de seca extrema, principalmente no interior Norte), colocando esta campanha como uma das melhores da última década, embora haja uma elevada percentagem de maçã de baixo calibre. Assim, está prevista uma produção de maçã de

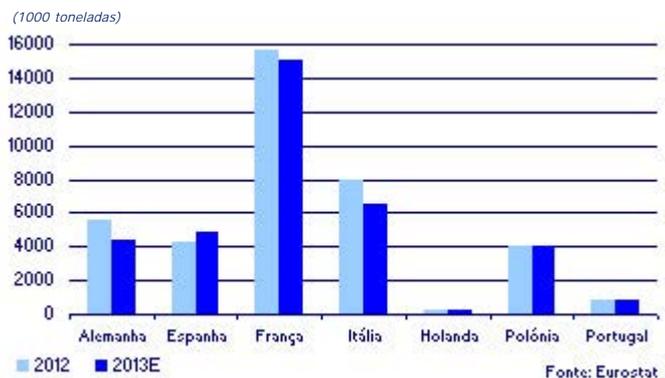
## Evolução da produção de bens alimentares base



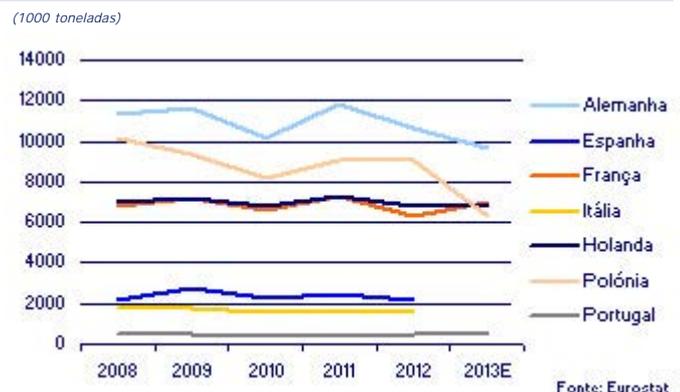
## Evolução internacional do preço do milho



## Produção de Milho



## Evolução da produção de batata por país



**OPINIÃO**

284 mil toneladas em 2013 (+21% face a 2008). Em termos de produtividade existem acréscimos de 15% entre 2012 e 2013 e de 14% entre 2008 e 2013.

Na **pêra**, a produção prevista total é de um aumento de cerca de 75% face à campanha anterior (203 mil toneladas), e de boa qualidade, embora de calibre muito heterogéneo. Este facto resultou de uma quebra muito acentuada de produção em 2012. Perante 2008, o aumento de produção é de apenas 18%. A produtividade foi de +85% no período 2012/2013 e de +25% de 2008 a 2013.

Já o **pêssego**, segundo o INE, tal como outras prunóideas, foi bastante afectado pelas condições climáticas adversas ocorridas durante a fase de floração/polinização. A previsão é de que a produção alcance as 23 mil toneladas, ou seja, menos 23% em relação a 2012. Em relação a 2008 a quebra é de 40%.

No caso do **kiwi**, a fraca floração/polinização e a propagação da doença PSA (com a denominação mais vulgar de "cancro bacteriano do kiwi") levaram a previsão de quebra de produção de cerca de 10% face a 2012, que ficará abaixo das 20 mil toneladas pela primeira vez nos últimos 5 anos.

Nos **citrinos**, a produção de **laranja** deverá chegar às 240 mil toneladas em 2013, mais 14.8% do que 2012 (209 mil toneladas). Face a 2008, existe um aumento de perto de 36%, o que mostra a gradual tendência de subida da produção ao longo dos últimos anos.

Na **tangerina** verificou-se uma relativa estabilização da produção ao longo dos últimos anos, contudo, em comparação a 2008 ocorreu uma quebra de 47%. Em 2012, a produção de 34 mil toneladas (+3.0% do que em 2011).

No **limão**, por seu turno, foram alcançadas 13 mil toneladas em 2012, idêntico valor ao de 2011, mas mais 8% do que em 2008.

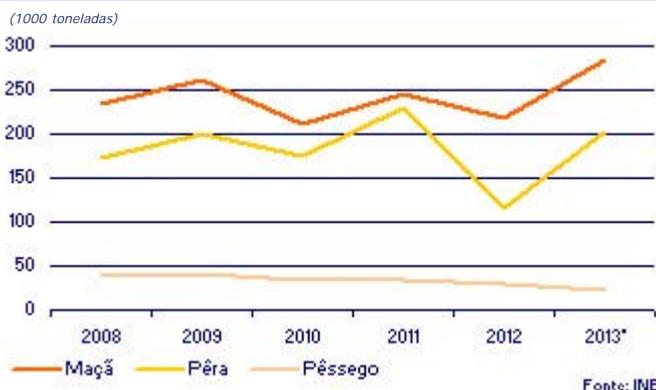
Na UE-28, o principal produtor de laranjas é a Espanha, com 55% de quota de mercado, seguindo-se a Itália com 28%, Grécia com 13% e Portugal com 4%. Estes 4 países juntos andam muito perto dos 100% de produção. Se em Itália houve um decréscimo de produção de cerca de 7% de 2012 para 2013, a Espanha verificou um aumento de 15%. Portugal viu igualmente a sua produção aumentar perto de 15% no mesmo período.

Nos **frutos de casca rija**, as condições climáticas desfavoráveis e o envelhecimento e degradação das condições dos amendoais contribuíram para que a última campanha da amêndoa fosse das piores das últimas duas décadas, com apenas 4 mil toneladas (-43% em relação a 2012 e a 2008). A produtividade caiu perto de 35%.

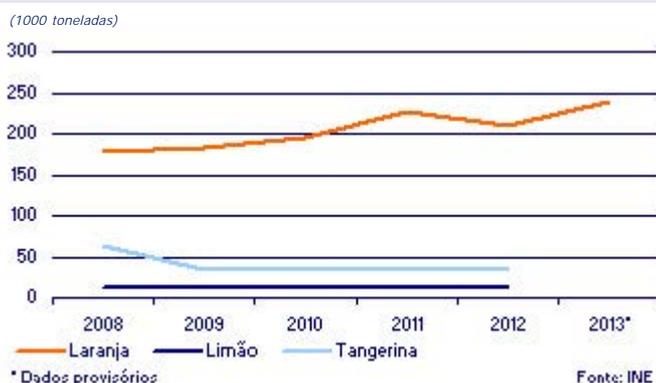
Na **castanha**, a ocorrência de precipitação em Trás-os-Montes foi determinante para o desenvolvimento dos frutos, estando previsto um aumento da produção de 20% em 2013 comparativamente a 2012, aproximando-se dos valores máximos dos últimos anos.

A produção de **noz** (dados de 2012) tem mantido uma grande estabilidade, à volta das 4 mil toneladas.

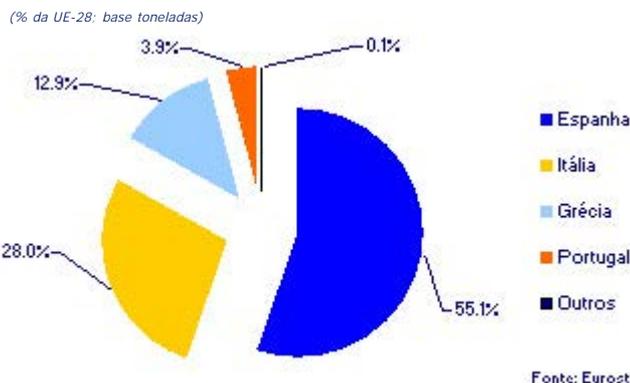
**Evolução da produção das principais frutas (não citrinos)**



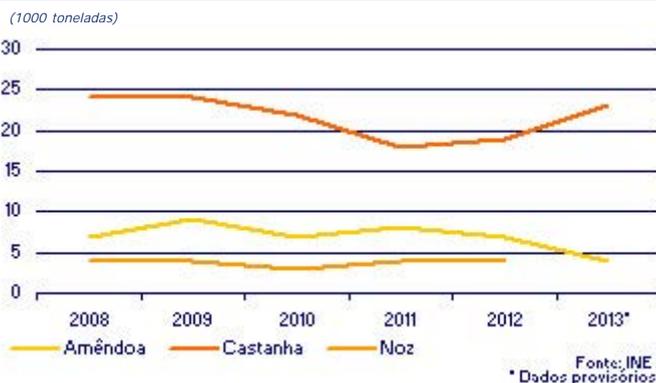
**Evolução da produção de citrinos**



**Produção de Laranjas, 2013**



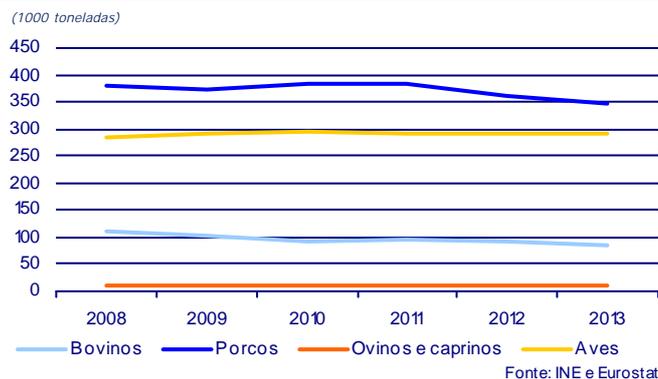
**Evolução da produção de frutos de casca rija**



No que respeita à **produção animal**, a globalidade do sector verificou um decréscimo em volume de cerca de 3% de 2012 para 2013 e de 7% de 2008 para 2013 (só considerando as classes indicadas), com evidente expressão no sector dos porcos em que as quebras para os mesmos períodos foram de 4% e de 9%, respectivamente. Diga-se que a classe dos porcos tem um peso de cerca de 47% do total, tendo alcançado as 346 mil toneladas no último ano.

Mas as maiores quebras de produção ocorreram nos bovinos (que têm um peso de cerca de 12%), tendo alcançado o valor de 84 mil toneladas em 2013. No último ano a contracção da produção foi de 10% e, face a 2008, foi de 23%. As aves, com uma quota de perto de 40%, foi a classe que se manteve mais estável. Em 2013 não verificou alterações face ao ano anterior, com uma produção de 292 mil toneladas, mas desde 2008 registou um aumento da produção de 3%. Ovinos e caprinos têm uma representação muito baixa, na ordem dos 1.5%.

### Evolução da produção animal por tipo



### Produção de carne, por tipo de animal, 2012

	1000 toneladas - peso de carcaça									
	Bovinos	%	Porcos	%	Ovelhas	%	Cabras	%	Aves	%
<b>UE-28</b>	<b>7,578</b>	<b>100.0%</b>	<b>22,004</b>	<b>100.0%</b>	<b>708</b>	<b>100.0%</b>	<b>54</b>	<b>100.0%</b>	<b>12,538</b>	<b>100.0%</b>
Alemanha	1,140	15.0%	5,459	24.8%	22	3.1%	0	0.0%	1,428	11.4%
Espanha	591	7.8%	3,466	15.8%	122	17.2%	10	17.9%	1,384	11.0%
França	1,477	19.5%	1,957	8.9%	83	11.7%	6	11.6%	1,709	13.6%
Itália	981	12.9%	1,621	7.4%	31	4.4%	1	2.2%	1,259	10.0%
Holanda	373	4.9%	1,332	6.1%	13	1.9%	2	2.8%	-	-
Polónia	371	4.9%	1,695	7.7%	1	0.1%	0	0.0%	1,549	12.4%
Portugal	93	1.2%	362	1.6%	10	1.4%	1	1.7%	292	2.3%

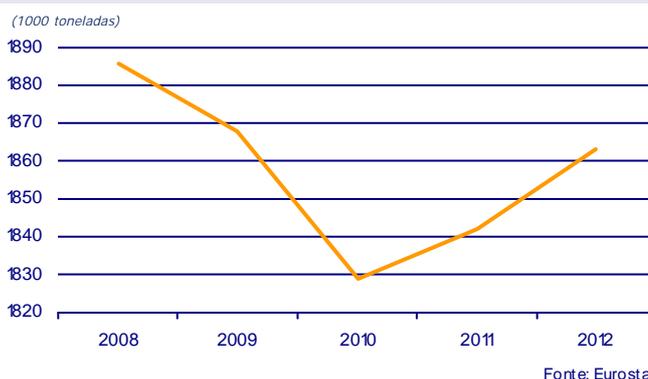
Fonte: Eurostat, Agriculture, forestry and fishery statistics.

No âmbito da análise comparativa, confirma-se que Portugal se mantém longe em termos de importância de produção animal no contexto dos principais produtores da União. Numa análise decrescente de importância e de acordo com valores de 2012 (mais completos para a comparação, os de 2013 têm bastantes lacunas), nas aves, Portugal tem uma quota de 2.3% (que não deixa de ser interessante), seguindo-se as cabras com 1.7%, os porcos com 1.6% e os bovinos com 1.2%. Alemanha, França e Espanha, de acordo com o tipo de animal, dominam igualmente este tipo de produção.

Na produção de **leite** (dados de 2012) é visível uma recuperação nos últimos dois anos, depois da queda verificada anteriormente. Em 2012 foi alcançado o valor de 1 863 toneladas, mais 1.1% do que no ano anterior.

Na produção de leite da UE-28 (dados igualmente de 2012), a tendência geral é de ligeiro aumento da produção, com a Alemanha (21%) e a França (17%) a dominarem a produção global dentro da UE-28. A quota de Portugal é de 1.3%, sendo evidente o gradual crescimento do sector (+1.9% de 2010 a 2012, ainda assim inferior a +2.4% da UE-28).

### Produção de Leite



### Produção leiteira, 2012

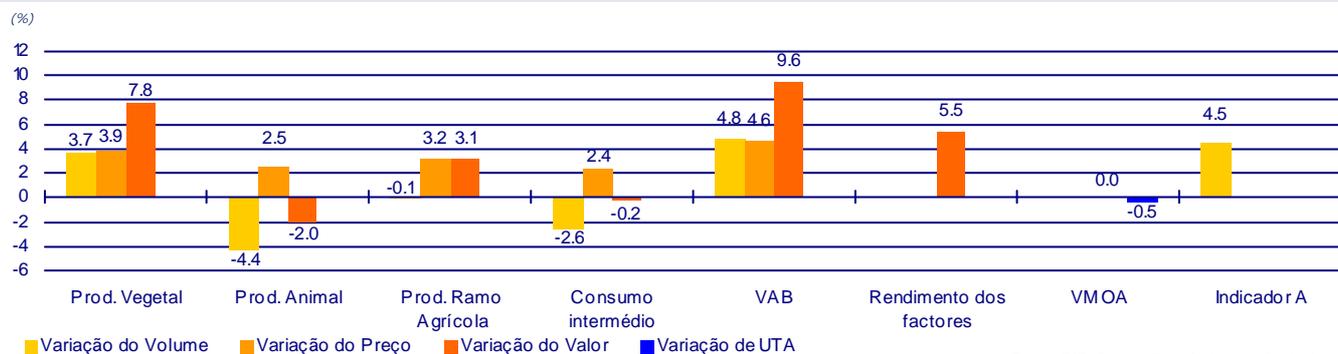
	1000 toneladas			%	2012 /2010
	2010	2011	2012		
<b>UE-28 (1)</b>	<b>136,890</b>	<b>139,570</b>	<b>140,115</b>	<b>100.0%</b>	<b>2.4%</b>
Alemanha	29,076	29,764	29,703	21.2%	2.2%
Espanha	5,877	5,838	6,089	4.3%	3.6%
França	23,576	24,673	24,249	17.3%	2.9%
Itália	10,500	10,480	10,598	7.6%	0.9%
Holanda	11,626	11,642	11,675	8.3%	0.4%
Polónia	9,002	9,309	9,858	7.0%	9.5%
Portugal	1,829	1,842	1,863	1.3%	1.9%

Fonte: INE.

OPINIÃO

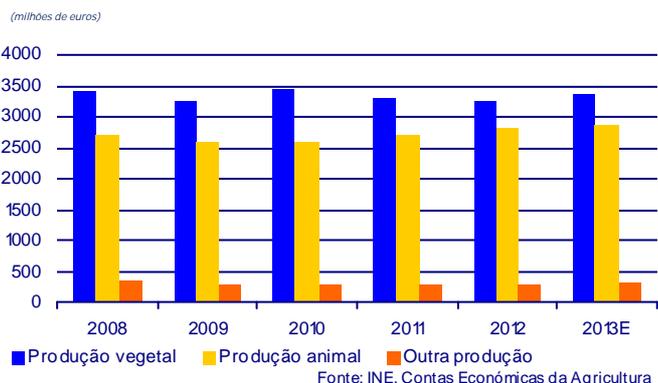
CONTAS ECONÓMICAS DA AGRICULTURA - PRINCIPAIS RESULTADOS PARA 2013

Varição da Produção, Consumo intermédio, VAB e Rendimento, em 2013

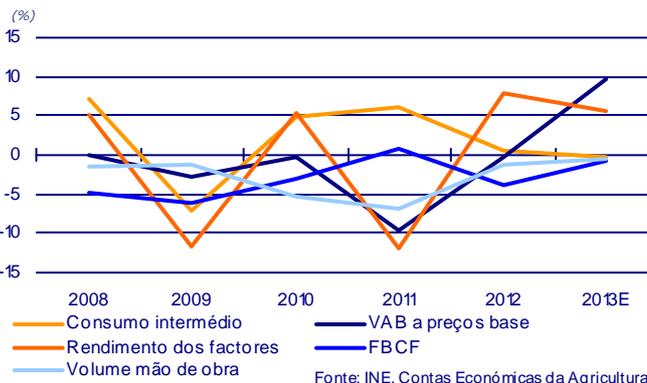


De acordo com a primeira estimativa das Contas Económicas da Agricultura (CEA) para 2013 do INE, a produção da globalidade do ramo agrícola registou um crescimento nominal de +3.1% em 2013, prevendo-se um ligeiro decréscimo em volume de -0.1% e um aumento dos preços base em +3.2%. Existem, no entanto, variações distintas das componentes da produção: a produção vegetal apresentou aumentos em volume e de preço de 3.7% e 3.9%, respectivamente; a produção animal registou um decréscimo em volume de 4.4% e um aumento dos preços base de 2.5%.

Evolução da produção agrícola

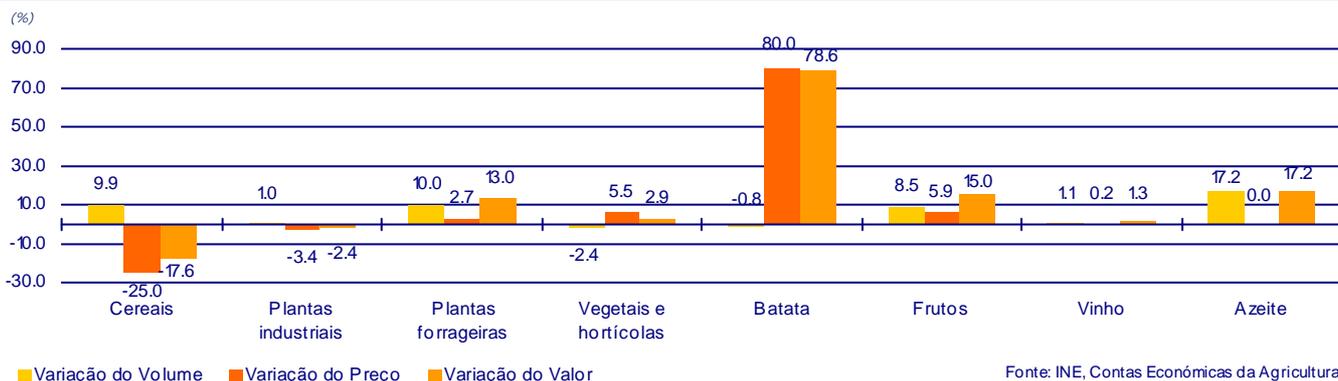


Produção Agrícola - Variação dos principais componentes



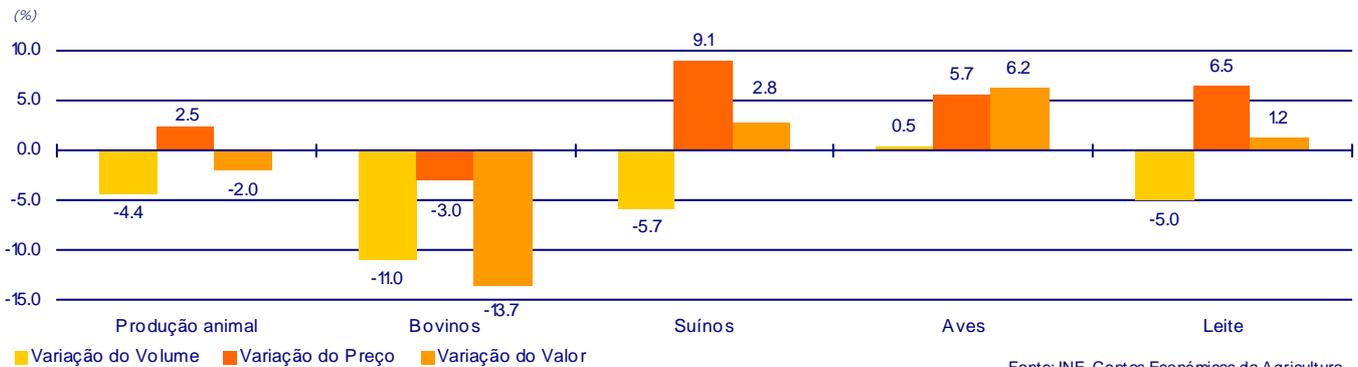
Os acréscimos positivos em volume na produção vegetal resultaram do bom desempenho dos cereais (+9.9%), plantas forrageiras (+10.0%) e frutos (+8.5%). O aumento dos preços ocorreu principalmente nos vegetais e produtos hortícolas (+5.5%), frutos (+5.9%) e batata (+80.0%).

Varição do volume, preço e valor dos principais produtos da Produção Vegetal, 2013



Os frutos que revelaram maiores aumentos de produtividade, e que concorreram para este aumento em volume, foram a maçã, a pêra e a azeitona. Em relação ao vinho é esperado um ligeiro aumento da produção, quer em volume (+1.1%), quer em preço (+0.2%). Quanto ao azeite, o acréscimo de produção em volume será de 17.2%, perante um aumento da quantidade de azeitona apanhada de 17.9%.

### Variação do volume, preço e valor dos principais produtos da Produção Animal, 2013



Na produção animal, estimam-se decréscimos em volume na produção de bovinos (-11.0%), suínos (-5.7%) e ovinos e caprinos (-5.5%). Inversamente, estimam-se aumentos dos preços nos suínos (+9.1%), nas aves de capoeira (+5.7%) e no leite (+6.5%), que compensarão a diminuição dos preços dos bovinos (-3.0%) e dos ovos (-32.9%). Segundo o INE, apesar de ter acontecido este aumento dos preços, a intensidade de redução em volume deverá conduzir a uma diminuição da produção animal em termos nominais na ordem dos 2.0%.

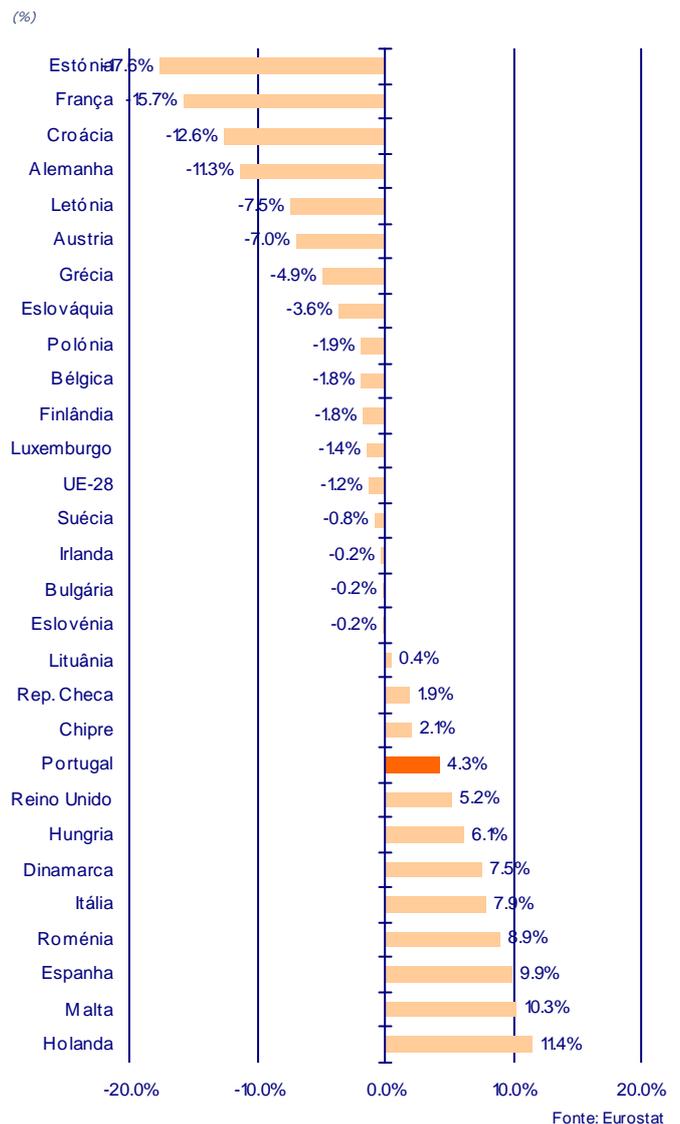
No consumo intermédio deverá ter ocorrido um ligeiro decréscimo nominal (-0.2%) e uma variação negativa do volume (-2.6%), em resultado de uma redução nas sementes e plantas (-10.0%), alimentos para animais (-4.7%) e produtos fitossanitários (-4.1%). Para a evolução positiva dos preços (+2.4%) contribuíram principalmente os acréscimos nos alimentos para animais (+5.9%) e nos produtos fitossanitários (+7.2%).

Neste contexto, o VAB deverá observar uma variação positiva em 2013, não apenas em termos nominais (+9.6%), como também reais (+4.8%). Em 2012 tinha ocorrido uma redução real de 2.4%.

Em resultado, o rendimento da actividade agrícola em Portugal, por unidade de trabalho, deverá ter aumentado 4.5%, em termos reais face a 2012 (o denominado "Indicador A" no Regulamento da CEA). A evolução nominal do VAB (+9.6%) foi determinante na evolução deste indicador, atenuando o impacto do decréscimo previsto na rubrica Outros subsídios à produção (-11.4%). Por outro lado, o volume de mão-de-obra agrícola (VMOA) deverá observar uma descida de 0.5%.

Na comparação internacional com países de referência da UE-28, Portugal pertence ao grupo dos países com rendimento agrícola positivo em 2013, com 4.3% (o CEA do INE apresenta 4.5%) quando a própria União verificou uma diminuição de 1.2% em relação a 2012. Dos 28, a Holanda foi o estado-membro que apresentou a maior taxa de crescimento do rendimento, 11.4%, a Espanha e Itália ficaram igualmente bem posicionadas com taxas de 9.9% e 7.9%,

### Variação do rendimento agrícola, 2012-2013



## OPINIÃO

respectivamente. A França e a Alemanha, por seu turno, pertencem ao grupo de países em que a actividade agrícola não trouxe acréscimos de rendimento, bem pelo contrário, mostrando variações negativas de 15.7% e 11.3%, respectivamente. Estes dados possivelmente mostram o nível de saturação deste sector nestas duas potências agrícolas da Europa, com base numa situação de sector subsidiado e tecnologicamente avançado, com margens de lucro esmagadas pela forte concorrência internacional.

## Rendimento Agrícola

	2005=100				%	
	Média 2005-10	2011	2012	2013E	2013/2005	2013/2012
<b>UE-28</b>	<b>108.9</b>	<b>130.6</b>	<b>130.3</b>	<b>128.7</b>	<b>18.2%</b>	<b>-1.2%</b>
Alemanha	117.3	129.8	138.4	122.8	4.7%	-11.3%
Espanha	97.8	99.3	101.8	111.9	14.4%	9.9%
França	108.9	132.3	136.8	115.3	5.9%	-15.7%
Itália	94.7	96.9	92.6	99.9	5.5%	7.9%
Holanda	107.0	100.2	108.4	120.8	12.9%	11.4%
Polónia	126.2	182.0	169.4	166.1	31.6%	-1.9%
Portugal	98.5	92.8	102.0	106.4	8.0%	4.3%

Fonte: Eurostat, Agriculture, forestry and fishery statistics.

Se escolhermos para análise a referência da média do índice de 2005-2010, concluímos que a Polónia é a campeã dos ganhos acumulados nos últimos anos com perto de 32%, embora tenha registado uma quebra de 1.9% em 2013. A própria UE-28, neste período mais alargado, registou um rendimento acumulado de mais de 18%. Espanha obteve 14.4%, Holanda 12.9% e Portugal 8.0%.

## Valor da produção global do sector agrícola a preços correntes

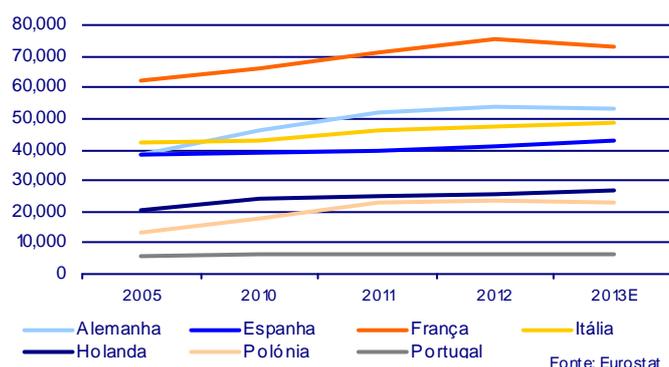
	milhões de euros				% da UE-28		%	
	2005	2011	2012	2013E	2005	2013	2013/2005	2013/2012
<b>UE-28</b>	<b>317,382</b>	<b>385,331</b>	<b>395,739</b>	<b>402,239</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>26.7%</b>	<b>1.6%</b>
Alemanha	38,648	52,147	53,661	53,175	12.2	13.2	37.6%	-0.9%
Espanha	38,484	39,732	41,022	43,084	12.1	10.7	12.0%	5.0%
França	62,064	70,759	75,357	72,659	19.6	18.1	17.1%	-3.6%
Itália	42,405	46,352	47,093	48,520	13.4	12.1	14.4%	3.0%
Holanda	20,668	24,949	25,798	26,784	6.5	6.7	29.6%	3.8%
Polónia	13,267	23,314	23,406	22,847	4.2	5.7	72.2%	-2.4%
Portugal	5,828	6,173	6,349	6,604	1.8	1.6	13.3%	4.0%

Fonte: Eurostat, Agriculture, forestry and fishery statistics.

Regressando ao valor da produção global do sector agrícola, e agora em termos comparativos com os países da UE-28 escolhidos para esta análise, constatamos que Espanha, Portugal, Holanda e Itália foram dos que viram crescer a produção do sector agrícola (5.0%, 4.0%, 3.8% e 3.0%, respectivamente). França e Polónia registaram a maior quebra, 3.6% e 2.4%, respectivamente. Mas em termos acumulados, desde 2005, a Polónia viu aumentar o valor do sector agrícola 72.2%, a Alemanha 37.6%, a Holanda 29.6%, a França 17.1%, a Itália 14.4%, Portugal 13.3% e Espanha 12.0%.

## Evolução da produção global do sector agrícola a preços correntes

(milhões de euros)



## Peso da produção do sector agrícola no PIB, 2013E

	PIB p.correntes	Sector Agrícola	%
	milhões de euros		
<b>UE-28</b>	<b>13,075,215</b>	<b>402,239</b>	<b>3.1%</b>
Alemanha	2,737,600	53,175	1.9%
Espanha*	1,029,002	43,084	4.2%
França	2,059,272	72,659	3.5%
Itália	1,560,024	48,520	3.1%
Holanda	602,658	26,784	4.4%
Polónia	389,695	22,847	5.9%
Portugal	165,666	6,604	4.0%

Fonte: Eurostat, BPI.

Nota: \*2012.

## OPINIÃO

Em termos de peso do sector agrícola de cada país no total da UE-28, a França destaca-se com 18.1%, seguindo-se a Alemanha com 13.2%, a Itália com 12.1%, a Espanha com 10.7%, a Holanda com 6.7%, a Polónia com 5.7% e Portugal com 1.6%.

Já na comparação do peso relativo da produção do sector agrícola no PIB de cada país, a listagem é diferente e mostra o grau de preponderância da agricultura na economia (vocação de cada país). Face ao valor da UE-28, 3.1%, a Polónia está no topo com 5.9%, seguindo-se a Holanda com 4.4%, a Espanha com 4.2%, Portugal com 4.0%, a França com 3.5%, a Itália com 3.1% e a Alemanha com 1.9%.

## VAB da Agricultura a preços correntes

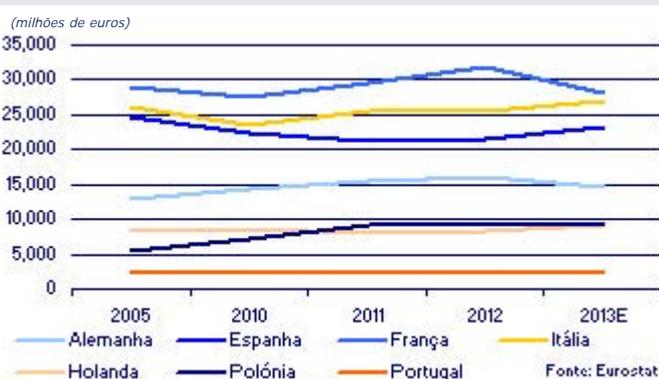
	milhões de euros				%	
	2005	2011	2012	2013E	2013/2005	2013/2012
<b>UE-28</b>	<b>148,460</b>	<b>157,731</b>	<b>160,942</b>	<b>161,808</b>	<b>9.0%</b>	<b>0.5%</b>
Alemanha	12,812	15,379	16,082	14,645	14.3%	-8.9%
Espanha	24,537	21,249	21,526	23,312	-5.0%	8.3%
França	28,842	29,590	31,870	28,004	-2.9%	-12.1%
Itália	25,979	25,489	25,566	26,832	3.3%	5.0%
Holanda	8,238	8,103	8,426	9,043	9.8%	7.3%
Polónia	5,414	9,141	9,154	9,260	71.0%	1.2%
Portugal	2,671	2,177	2,201	2,416	-9.5%	9.8%

Fonte: Eurostat, Agriculture, forestry and fishery statistics.

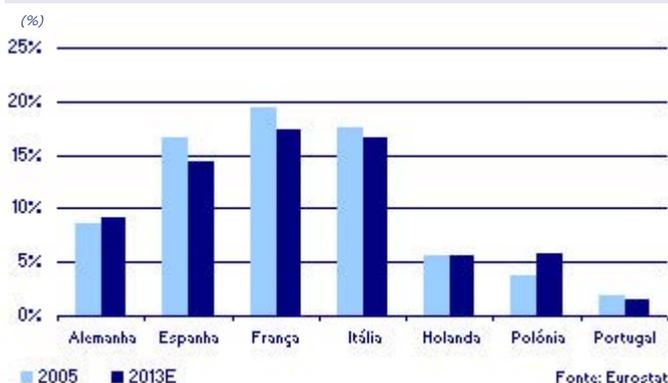
Se olharmos para os valores do VAB agrícola, nomeadamente na sua evolução de 2012 para 2013, confirma-se a sua diminuição significativa em França (-12.1%) e na Alemanha (-8.9%), ou seja nas duas principais potências em termos de produção agrícola. Há, assim, alguma dificuldade destes países em serem mais produtivos e originarem mais excedentes. Dos restantes países incluídos na análise, Portugal destaca-se com um aumento do VAB em 9.8%, seguindo-se a Espanha com 8.3%, mostrando a existência de melhores condições produtivas.

No entanto, se a comparação for feita a partir de 2005, Portugal foi o que mais perdeu em termos de evolução do VAB, -9.5%, seguindo-se a Espanha com -5.0% e a França com -2.9%. Este facto demonstra que houve uma estagnação do sector nos últimos anos, embora presentemente se assista a uma maior aposta no sector.

## Evolução do VAB agrícola a preços correntes



## Peso do VAB da Agricultura de cada país no total da UE-28



Esse facto é igualmente constatado na evolução do peso do VAB agrícola de cada país face ao total da UE-28, em que perante os valores de 2005, só a Polónia e a Alemanha assistem ao aumento relativo do VAB; a Holanda manteve praticamente o mesmo valor.

## OPINIÃO

## Total de subsídios recebidos

	milhões de euros				%	
	2005	2011	2012	2013E	2013/2005	2013/2012
<b>UE-28</b>	<b>49,749</b>	<b>55,981</b>	<b>58,149</b>	<b>55,935</b>	<b>12.4%</b>	<b>-3.8%</b>
Alemanha	6,093	7,136	7,350	7,354	20.7%	0.1%
Espanha	6,550	6,801	6,451	6,526	-0.4%	1.2%
França	9,743	9,819	9,882	9,342	-4.1%	-5.5%
Itália	4,343	4,919	5,383	5,483	26.2%	1.9%
Holanda	801	869	1,011	1,005	25.5%	-0.6%
Polónia	2,120	4,309	4,688	2,866	35.2%	-38.9%
Portugal	1,007	975	903	1,033	2.6%	14.4%

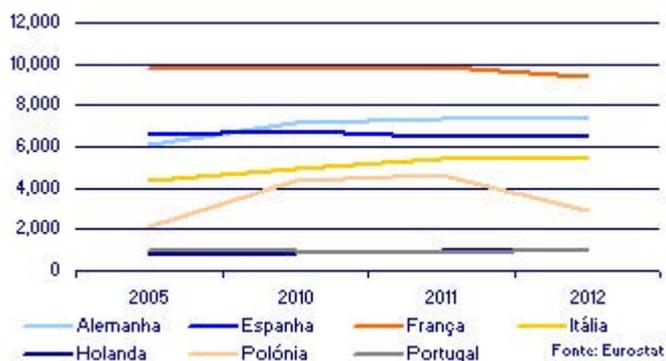
Fonte: Eurostat, Agriculture, forestry and fishery statistics.

Quanto aos subsídios agrícolas recebidos por cada estado membro da União (tendo como referência os mesmos países em análise e dados de 2012), Portugal viu o montante aumentar 14.4% em 2012, que contrasta com a situação dos restantes países. Mas a realidade altera-se se considerarmos o período 2005-2012. A Polónia viu aumentar os subsídios recebidos em 35%, seguindo-se a Itália com 26%, a Holanda com 25%, a Alemanha com 21% e Portugal com 3%. França e Espanha viram o montante global diminuir 4.1% e 0.4%, respectivamente.

Nesta mesma linha de análise, o peso dos subsídios no total distribuído pela União diminuíram em França, em Espanha e em Portugal (são agora 16.7%, 11.7% e 1.8%, respectivamente). A Alemanha trocou o lugar com Espanha e é agora o 2º país a receber mais subsídios, 13.1% do total. A Itália é o 4º com 9.8% do total.

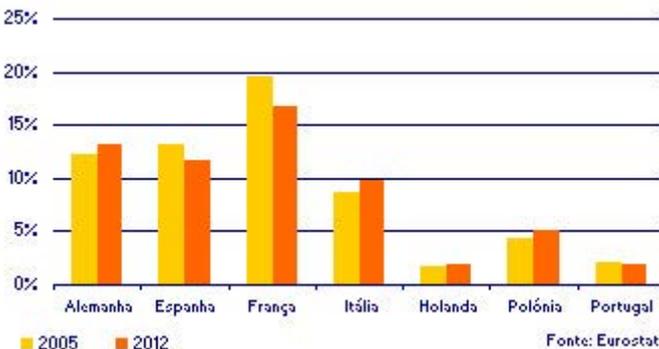
## Evolução dos subsídios totais

(milhões de euros)



## Peso dos subsídios totais recebidos por cada país no total da UE-28

(%)



Em termos do valor da actividade económica de cada país, os subsídios recebidos têm maior peso na Polónia (0.8%), em Portugal (0.6%) e em Espanha (0.6%), como seria de esperar. Na UE-28, o peso é de 0.4%.

## Peso dos subsídios totais no PIB, 2012

	PIB p.correntes milhões de euros	Subsídios totais milhões de euros	%
<b>UE-28</b>	<b>12,970,181</b>	<b>55,935</b>	<b>0.4%</b>
Alemanha	2,666,400	7,354	0.3%
Espanha	1,029,002	6,526	0.6%
França	2,032,297	9,342	0.5%
Itália	1,566,912	5,483	0.3%
Holanda	599,338	1,005	0.2%
Polónia	381,480	2,866	0.8%
Portugal	165,107	1,033	0.6%

Fonte: Eurostat, BPI.

## COMPORTAMENTO DA MÃO-DE-OBRA

## Total de mão-de-obra

	1000 trabalhadores				%	
	2005	2011	2012	2013E	2013/2005	2013/2012
<b>UE-28</b>	<b>12,871</b>	<b>10,292</b>	<b>10,263</b>	<b>10,140</b>	<b>-21.2%</b>	<b>-1.2%</b>
Alemanha	583	518	514	508	-12.8%	-1.2%
Espanha	1,017	894	887	865	-14.9%	-2.5%
França	908	793	792	776	-14.6%	-2.0%
Itália	1,242	1,124	1,084	1,064	-14.3%	-1.8%
Holanda	194	175	170	168	-13.7%	-1.1%
Polónia	2,292	2,101	2,101	2,101	-8.3%	0.0%
Portugal	437	357	356	354	-19.0%	-0.5%

Fonte: Eurostat, Agriculture, forestry and fishery statistics.

Relativamente à mão-de-obra, em 2013 verificou-se uma diminuição generalizada (manutenção na Polónia). Mas a tendência de queda acentuada é mais visível tendo como ponto de partida 2005. Assim, neste período, Portugal foi o país que mais mão-de-obra perdeu, 19%, para 354 mil trabalhadores (a UE-28 perdeu 21%). Todos os outros países tiveram quebras na ordem dos 13% a 15%. No conjunto destes países, a Polónia foi quem diminuiu menos o número de trabalhadores, 8%.

Se analisarmos o peso da mão-de-obra agrícola na população activa total de cada país, a Polónia mostra 12.1%, seguindo-se Portugal com 6.4%. Itália e Espanha têm pesos relativos de 4.5% e 3.8%, quando a UE-28 tem um valor de 4.3%. França e Alemanha, os mais ricos em termos agrícolas, mostram quotas de 2.7% e 1.2%, respectivamente.

## Peso da mão-de-obra agrícola na população activa total, 2012

	População activa	População agrícola	%
	1000 trabalhadores		
<b>UE-28</b>	<b>243,031</b>	<b>10,332</b>	<b>4.3%</b>
Alemanha	42,396	525	1.2%
Espanha	23,051	881	3.8%
França	28,801	774	2.7%
Itália	25,643	1,151	4.5%
Holanda	8,893	170	1.9%
Polónia	17,340	2,101	12.1%
Portugal	5,495	352	6.4%

Fonte: Eurostat, BPI.

## AS TROCAS COMERCIAIS

## Produtos da agricultura, da produção animal e da caça, 2013

	Importação		Exportação		Saldo	Tx. cobertura %
		%		%		
Mundo	2,785	100.0%	820	100.0%	-1,965	29.4%
Intra EU	1,570	56.4%	698	85.1%	-872	44.5%
Extra EU	1,215	43.6%	123	15.0%	-1,092	10.1%
Alemanha	42	1.5%	22	2.7%	-20	52.4%
França	279	10.0%	84	10.2%	-195	30.1%
Espanha	908	32.6%	339	41.3%	-569	37.3%
Brasil	397	14.3%	29	3.5%	-368	7.3%
Angola	0	0.0%	19	2.3%	19	n.d.

Fonte: INE.

## Produtos alimentares, 2013

	Importação		Exportação		Saldo	Tx. cobertura %
		%		%		
Mundo	5,651	100.0%	3,157	100.0%	-2,494	55.9%
Intra EU	4,760	84.2%	2,050	64.9%	-2,710	43.1%
Extra EU	891	15.8%	1,107	35.1%	216	124.2%
Alemanha	317	5.6%	59	1.9%	-258	18.6%
França	457	8.1%	266	8.4%	-191	58.2%
Espanha	2,846	50.4%	1,225	38.8%	-1,621	43.0%
Brasil	76	1.3%	253	8.0%	177	332.9%
Angola	0	0.0%	424	13.4%	424	n.d.

Fonte: INE.

**OPINIÃO**

Considerando somente os produtos da agricultura, da produção animal e da caça (produtos com pouca ou nenhuma transformação, saídos praticamente da produção para a distribuição) é evidente a manutenção de uma situação deficitária nos vários ângulos de análise. Tanto no comércio total (mundo), como no comércio intra e extra comunitário é essa a realidade, com taxas de cobertura das importações pelas exportações muito baixas, com especial destaque para o comércio extra-UE. E este comportamento tem-se mantido, embora desde 2008 tenham ocorrido algumas variações com grande significado para Portugal.

De facto, no comércio intra-UE, se as importações no período 2008-2013 aumentaram 11.8%, as exportações cresceram 36.6%, contribuindo para uma melhoria do saldo comercial deste tipo de produtos. No caso do comércio extra-UE, esta tendência de melhoria ainda foi mais significativa. No mesmo período, as importações verificaram uma variação de -0.7%, quando as exportações aumentaram 151.0%.

Se nos debruçarmos sobre um universo mais vasto, o dos produtos alimentares no seu todo (que aos outros produtos acresce os transformados e conservados, onde se inclui bebidas, óleos e gorduras, açúcares e farinhas, etc.), a realidade melhora significativamente a favor do país. As taxas de cobertura das importações pelas exportações são superiores e balança extra-EU já é positiva.

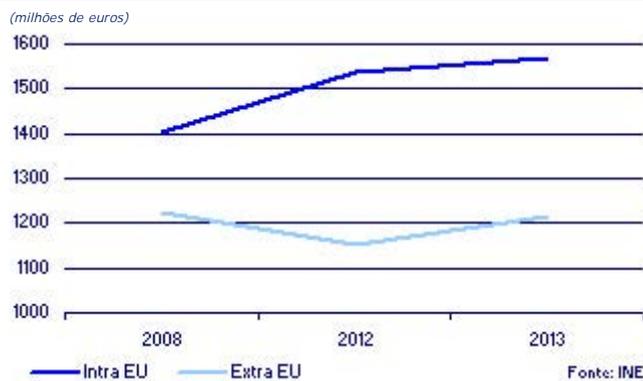
No período 2008 a 2013, o comércio intra-UE, as importações e as exportações cresceram 16.0% e 24.8%, respectivamente. Mas no comércio extra-UE, as variações foram de -9.4% nas importações e +73.2% nas exportações, confirmando uma nítida diversificação de mercados neste tipo de produtos.

Mas há mais duas realidades a considerar: nos produtos somente da agricultura, da produção animal e da caça, Portugal dentro da União exporta 85.1% e importa 56.4% dos produtos, enquanto que no comércio fora da União, exporta 15.0% e importa 43.6%. Esta diferença reflecte o facto de estarmos perante produtos frescos e com um período de vida limitado, favorecendo relações económicas de proximidade, nomeadamente com Espanha e França. Conjuntamente mais de 50% dos produtos exportados por Portugal vão para estes dois países - produtos hortícolas, frutas, etc.; na totalidade dos produtos alimentares, a situação é diferente/inversa. Assim, dentro da UE, Portugal exporta 64.9% e importa 84.2%, enquanto que relativamente aos países fora da União exporta 35.1% e importa 15.8%, havendo uma nítida vantagem na venda de produtos transformados para mercados fora da União.

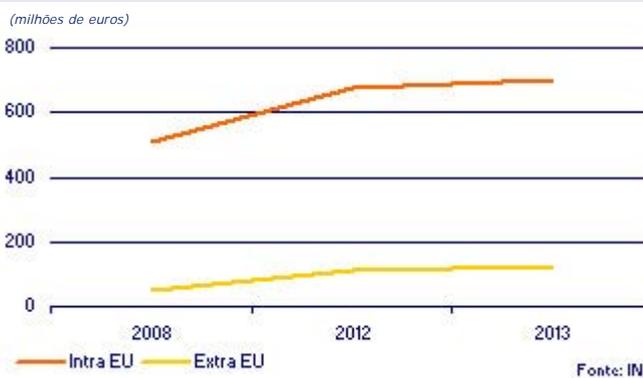
A Espanha mantém-se como principal cliente e fornecedor, 41.3% e 32.6% respectivamente, nos produtos da agricultura, da produção animal e da caça e igualmente nos produtos alimentares, 38.8% e 50.4% respectivamente. Seguem-se a França e a Alemanha na short-list considerada.

Fora da Europa, escolhemos o Brasil e Angola, de acordo com a sua importância nos últimos anos. Se o Brasil tem um peso de 14.2% no fornecimento de produtos da agricultura, da

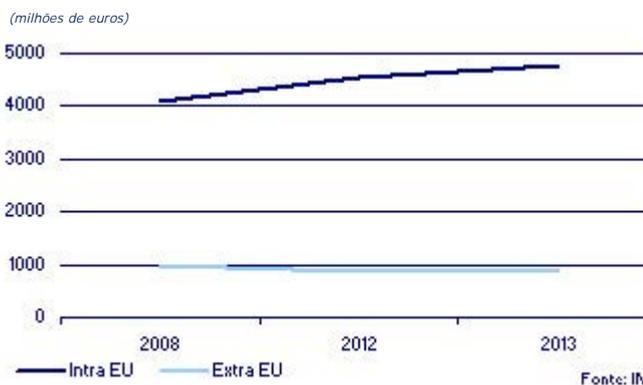
**Importação - Produtos da agricultura, da produção animal e da caça**



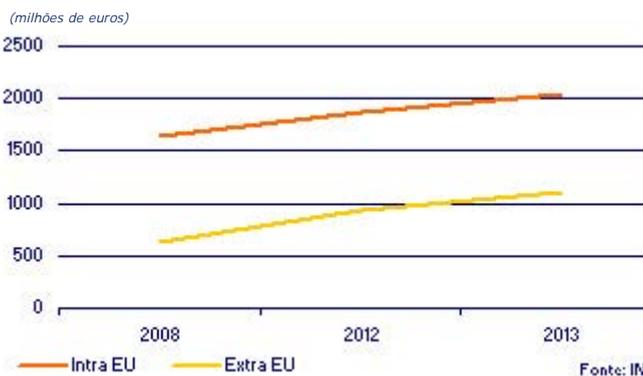
**Exportação - Produtos da agricultura, da produção animal e da caça**



**Importação - Produtos alimentares**



**Exportação - Produtos alimentares**



produção animal e da caça, compra 3.5% do total. No caso da produção alimentar, já vende 1.3% e compra 8.0% do total (azeite, óleos). Angola só tem expressão como comprador: 2.3% de produtos da agricultura, da produção animal e da caça e 13.4% de produtos alimentares (bebidas, azeite e óleos, laticínios, farinhas).

Por fim, referir que em 2013 o saldo mais positivo da balança alimentar (em termos individuais) veio do vinho (+603 milhões de euros), seguindo-se o tomate preparado e conservado (+180 milhões de euros), o azeite (62 milhões de euros), assim como as frutas, laranjas, maçãs e peras, mostrando um grau de auto-suficiência importante (não foram aqui consideradas outras fileiras importantes como a da cortiça e das madeiras). Por outro lado, confirma-se igualmente a forte dependência de cereais e de leite e laticínios, rubricas com saldos bastante negativos.

#### CONCLUSÃO

Perante os estudos efectuados nos últimos anos acerca do sector agrícola constatamos que há uma evolução muito positiva nalguns produtos - vinho, azeite, tomate, milho e frutas - embora a balança alimentar global ainda seja negativa, mostrando a grande dependência do país face ao exterior, nomeadamente ao nível dos cereais e dos laticínios.

O sector agrícola em Portugal (mas também no resto da Europa) continua em reestruturação, no sentido da modernização, notando-se um aumento da produtividade da maioria das produções quando as áreas não sofrem grandes alterações. Mas há aspectos importantes a ter em conta no futuro, nomeadamente a manutenção de uma evolução positiva do VAB agrícola, assim como de variações positivas do investimento. É certo que nos últimos anos Portugal tem feito parte do grupo de países que tem obtido um rendimento agrícola positivo, embora se saiba que é um sector muito dependente dos subsídios distribuídos através dos programas da PAC (Política Agrícola Comum).

Outro aspecto importante a ter em conta é que o sector agrícola, por mais desenvolvido que seja, é muito dependente de dois aspectos: condições climatéricas e evolução dos preços nos mercados de matérias-primas. Neste âmbito, o conhecimento e a ligação com a ciência é desejável, para além da informação acerca da evolução dos mercados. Existe, no entanto, um aspecto que poderá fazer diminuir todo este potencial de incerteza e volatilidade, a apresentação de produtos de qualidade que, por si só, sejam garantia de valor.

Em 2014 (e até 2020) inicia-se um novo período de programação de fundos comunitários, nos quais se insere o apoio ao desenvolvimento agrícola e rural a financiar pelo FEADER (Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural. Este facto deverá contribuir para garantir a continuidade dos principais regimes de apoio ao desenvolvimento rural, sabendo-se a importância económica do sector e a sua crescente capacidade exportadora.

#### Saldo comercial de produtos de referência, 2013

	<i>milhões de euros</i>		
	Importação	Exportação	Saldo
Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural	525	330	-195
Tomates frescos ou refrigerados	24	27	3
Tomates preparados ou conservados	13	193	180
Laranjas frescas ou secas	43	47	4
Maçãs, pêras e marmelos	59	83	24
Cereais	754	28	-726
Azeite	282	344	62
Vinhos de uvas frescas	122	725	603

Fonte: INE.